

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG
Programa de Pós-Graduação em Artes – PPG Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas – CEEAV

Michelle Sant'Ana dos Santos

TUDO É SEMENTE: Alternativas para o ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

2020

Michelle Sant'Ana dos Santos

TUDO É SEMENTE: Alternativas para o ensino de Artes Visuais

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Filipe Freitas Chaves

Belo Horizonte

2020

Santos, Michelle Sant'Ana dos.

Tudo é semente: Alternativas para o ensino de Artes Visuais /
Michelle Sant'Ana dos Santos. – 2020.
34 f., enc

Orientador(a): Filipe Freitas Chaves.
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Escola de Belas Artes.
Referências: f. 31-34

1. Artes Visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino –
Especialização. I. Título. II. Chaves, Filipe Freitas. III. Universidade
Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

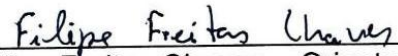
CDD: 707

Nome: MICHELLE SANT'ANA DOS SANTOS


TUDO É SEMENTE: alternativas para o ensino de artes visuais

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas indicações da banca examinadora a aluna foi considerada **APROVADA**.


Prof. Filipe Freitas Chaves – Orientador/ Mestre /EBA/CEEAV/UFMG


Prof. Ícaro Moreno Ramos – Mestre / Membro Titular da Banca


Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 07 de março de 2020.

RESUMO

Este estudo apresenta reflexões sobre a Arte-Educação em consonância com práticas voltadas às questões ambientais, tomando como recorte meu caminho de professora-artista, que defende o poder de interligação e interdependência entre a natureza e nós seres humanos. Também se faz referência a artistas cuja poética se envolve com o meio ambiente e, por meio deles, propõem-se possibilidades de ensino-aprendizagem que proporcionem olhar a natureza com os olhos de artista.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem em Artes Visuais. Arte-Educação. Educação ambiental. Abordagem Triangular.

ABSTRACT

This study presents reflections on Art Education aligned with practices focused on environmental issues, focusing on my experience as teacher-artist who believes in the power of interconnection and interdependence between nature and us. There are also references to artists whose poetics gets involved with the environment, and through them, possibilities of teaching-learning are proposed that allows looking at nature with the eyes of an artist.

Keywords: Teaching-learning in the Visual Arts. Art Education. Environmental education. Triangular Approach.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Rivers and Tides: Andy Goldsworthy working with time</i> , o que o homem cria, o tempo e a natureza apagam. (Foto: Andy Goldsworthy)	18
Figura 2 – Alicja Brodowicz, sem título	19
Figura 3 – Alicja Brodowicz, sem título	20
Figura 4 – Venusementes de girassol, POA, 09/2014. Foto: Licia Heydrich.....	22
Figura 5 – Entrega # 2, Uruguai. 05/2014. Foto: Joana Heydrich.....	23
Figura 6 – Flor do mangue, Krajcberg, 1965, dimensões: 12x8 m e 5 m de altura.....	25
Figura 7 – Ego / Nature, America's Last Newspaper.....	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TRAVESSIAS.....	11
2.1	Das tessituras do caminho	11
3	DIÁLOGOS POSSÍVEIS.....	13
3.1	Tudo em que eu consigo pensar é natureza.....	15
4	É POSSÍVEL FOTOGRAFAR PRESENÇAS	17
4.1	Andy Goldsworthy.....	17
4.2	Alicja Brodowicz.....	19
4.3	Licia Heydrich	21
4.4	Frans Krajcberg	24
5	A FLORESTA SOMOS NÓS OU TUDO É SEMENTE	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Este texto se constrói a partir de observações cotidianas desde minha infância a respeito do posicionamento do ser humano frente aos recursos naturais e, mais tarde, enquanto arte-educadora, da percepção do quanto este olhar contribui para a construção de um caminho de valorização dos sujeitos em sala de aula. Sinto a constante necessidade do toque da natureza, seus coloridos, seus cheiros, suas marcas arrebatadoras, do valor de estarmos vivos... e essa preocupação com a mantenedora da vida humana é o que tece meu caminho até aqui.

A importância de pensar ações que auxiliem no desenvolvimento sustentável influencia diretamente em nossa qualidade de vida, a manutenção da natureza para a sobrevivência de todas as espécies é tema atemporal. Nesse contexto, a urgência em pensarmos alternativas de conscientização ambiental envolve refletir sobre a possibilidade de o componente Artes Visuais nos educar, também, nesse sentido, assim como corrobora Barbosa (2000, p. 9):

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica e assim analisar a realidade percebida, pela criatividade, de modo a mudar de alguma forma a realidade que foi analisada.

Busca-se, aqui, elucidar as possibilidades e os caminhos apontados para o diálogo, a valorização das experiências de cada aluno e suas tradições familiares, assim como ações de posicionamento em relação à arte, que nos dá subsídios para importantes reflexões sobre a construção de uma prática educativa em consonância com o meio ambiente. Para isso, serão apresentados dados obtidos por meio de pesquisa bibliográfica e de vivências que constituem meu caminho de professora-artista, o que resultou na formulação deste texto.

Este trabalho está estruturado em quatro seções, a saber: no primeiro capítulo, apresento minhas experiências por meio de um memorial formativo sobre o caminho que teci até o momento, com a exposição sobre como as Artes Visuais e a Educação Ambiental se entrelaçam em meu caminho como professora-artista; no segundo capítulo, apresento uma reflexão sobre a prática pedagógica que torna possível o diálogo entre as Artes Visuais e a Educação Ambiental, tomando como

base a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa; no terceiro capítulo, há a exposição de dados com ênfase no processo criativo e nas obras dos artistas Andy Goldsworthy, Alicja Brodowicz, Frans Krajcberg e Licia Heydrich; no quarto capítulo, diálogo entre as percepções nos trabalhos dos artistas apresentados e as reflexões sobre o ensino de Artes Visuais e Educação Ambiental. Por fim, apresento as considerações finais.

2 TRAVESSIAS

2.1 Das tessituras do caminho

Das tessituras do caminho
 Quem vos fala é a flor que resiste,
 Nascida onde a chuva molhou, molhou e molhou...
 Uma poça se formou;
 No caminho, ninguém se atrevera a molhar os pés.
 (SANT'ANA, não publicado)

Falar sobre minha história resgata com muito amor o carinho ancestral de minha mãe, ela que sempre foi minha maior incentivadora e permitiu que eu construísse meus sonhos mesmo quando eu estivesse sofrendo por estar bem longe deles. Começo a falar de infantis caminhos que me enveredaram pela arte, desde bem pequena, passava horas e mais horas observando o mundo, suas cores, suas formas, seus cheiros cor-de-rosa, nuvem algodão doce ou elefante.

Cresci, crescemos, não é mesmo? E, com as estrelas, aprendi a tecer muitos caminhos inventados pelo céu, mas ainda não sabia o quão amargo poderia ser me distanciar de todos os sonhos cor via láctea.

Fui trabalhar em uma área distante do que minha criativa alma sugeria. Estudei Design, meu refúgio diário, e, quando terminei a faculdade, abriram mais e mais caminhos tortuosos de trabalhos distantes dos meus mais belos anseios. Há sete anos, iniciei o curso de Letras, ah, que sonho... que sonho..., aquele emaranhado de belas letras, línguas antigas e conhecimentos que eu jamais imaginei ser possível encontrar em toda a minha vida.

Hoje enquanto professora-artista, encontro-me como um ser que deseja a todos que seus sonhos resistam. Como as parcas que tecem o destino, passado, presente e futuro, vemos as fases do ser humano.

Já ouviu falar que, quando se está triste, é necessário trançar o cabelo? Trançar para prender as angústias.... e assim o fiz, recriei meu ambiente de trabalho e passei a me desenvolver individualmente em arte.

Lembro-me também das arrebatadoras palavras publicadas no site de Paola Klug, que nos trazem ao alcance dos olhos e da alma a sabedoria ancestral:

Quando te sintas triste menina – dizia a minha avó – entrança o cabelo, prende a dor na madeixa e deixa escapar o cabelo solto quando o vento do norte sopra com força. O nosso cabelo é uma

rede capaz de apanhar tudo, é forte como as raízes do cipreste e suave como a espuma do atole. (KLUG, 2014, n. p.).¹

Segui assim, trançando, como as parcas, um novo começo, tomando as rédeas e tecendo um caminho para uma mudança efetiva, um novo destino. Mas o que fazer desse novo destino? A trama em que eu me encontrava sugere o desenvolvimento do conhecimento docente que adquiri por anos e anos, e aqueles ancestrais de minha mãe e avó. Segui ministrando oficinas de Literatura e outras artes, refletindo com os alunos sobre seus caminhos e mostrando-lhes que é possível tecer nossos destinos. Seguimos procurando onde não se vê, bicho-nuvem, borboletas no estômago, uma nascente no bairro, nossos textos e imagens seguem nossas histórias, nosso mundo.

Enveredada nessas ideias, deparei-me com uma inquietação sobre o meio ambiente, pensamentos que nascem com olhos em mim e a lembrança de que, enquanto seres humanos, fazemos parte da natureza e, por mais que nos esqueçamos, somos interdependentes dela. Preocupações do presente, que se tornam parte de um futuro bem próximo – e bate à porta todas as vezes em que choramos junto aos nossos rios.

Pensamentos que se aproximam aos de Leonardo Boff (2020) que destaca a importância de repensar nossa relação com a natureza, respeitar seus ritmos e desenvolver uma relação de respeito e cuidado por tudo o que existe e vive.

Lentamente vamos tomando consciência de que somos natureza e defendê-la significa defender a nós mesmos e a nossa própria vida. Caso contrário, a primeira visão, a Terra e natureza como baú de “recursos infinitos”, nos poderá levar a um caminho sem retorno. (BOFF, 2020, n.p.).

Em meu leito, atenta às minhas observações, fulgura a vontade de transformar nossos distanciamentos, nosso aparelhamento em criar ausências. Penso morar nos olhos de uma árvore e embalar muitos sonhos-sementes, trajetória que se faz presente na valorização dos sujeitos em sala de aula.

Nasce, assim, o desejo de lançar sementes nessa “tessitura da vida”, sementes-fio, individualmente importantes para a trama, mas que reverberam ao longo dos fios cada uma de suas ações.

¹ Texto publicado no site de Paola Klug. Disponível em: <https://paolak.wordpress.com/2014/03/04/trenzare-mi-tristeza/>. Acesso em: 5 abr. 2019.

3 DIÁLOGOS POSSÍVEIS

O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
(ROSA, 1994, p. 86)

Este trabalho tem como ponto de partida íntimas observações enquanto professora-artista e o entendimento de que referências pessoais, ancestralidade e heranças culturais e artísticas são elementos que permitem experienciar a Arte-Educação de maneira que o educando seja tratado tal qual ele é. Os encontros consigo mesmo, as oportunidades de se expressar permitem o autoconhecimento e, com olhos atentos ao ontem-hoje, sonhamos com um futuro de possível reequilíbrio de nossa humanidade.

Pensando possibilidades de ensino-aprendizagem que possam respeitar e ver a natureza como parte dela, rememoro os ensinamentos de Ana Mae Barbosa e sua Abordagem Triangular que traz em sua essência reflexões sobre as possibilidades de diálogo da Arte-Educação com outras disciplinas e áreas de conhecimento, que contribuem para um trabalho colaborativo e ações pedagógicas que vislumbram dentre outras temáticas, aquelas tomadas como tema central deste texto, tais como natureza social, cultural e ecológica.

A arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal. Apesar de ser um produto da fantasia e imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferentes de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais.
(BARBOSA, 1989, p. 178).

É nesse sentido que considero que a Arte-Educação pode contribuir, também, para a Educação Ambiental. As três dimensões associadas à Abordagem Triangular de Ensino da Arte – o fazer artístico, a leitura e a contextualização – se tornam importantes instrumentos educacionais, independentemente da formalidade dos centros educacionais: seja na sala de aula, seja em espaços destinados à educação em museus, nos centros culturais, etc.

Durante esses processos de leitura, contextualização e fazer artístico – que podem acontecer em momentos distintos –, é importante que as relações entre

um e outro não se percam, espera-se proporcionar uma experiência durante toda a produção tornando o processo de ensino-aprendizagem completo e significativo.

A arte se relaciona com representações espirituais, intelectuais, materiais e emocionais (BARBOSA, 1998) que caracterizam uma sociedade, seu modo de vida, seu sistema de valores, tradições e crenças. E ao seu ensino cabe fazer a mediação e preparar crianças e jovens para o entendimento dessa relação entre arte e seu contexto cultural, social, histórico e também ambiental.

Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura. [...] Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc. não podem dizer porque elas não são capazes de codificar nuances culturais. Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 1998, p. 16).

Para Paulo Freire (2003), o conceito de “ser humano” possui relação e significado ético, sendo responsável e parte da natureza. Essa relação de identidade confirma a visão de interdependência entre o homem e o ambiente natural, estabelecendo o conceito de mundo como uma realidade objetiva que abrange as dimensões biofísica, natural e cultural, permitindo às pessoas entender a relação entre homem e natureza.

O ser humano, nessa acepção, não existe fora do mundo, mas sempre em relação com o mundo e com os outros. A concepção de ser humano justifica os processos sociais e culturais de épocas e contextos diferentes. E, como não há homens sem mundo, então, o ponto de partida é sempre situado, sempre o aqui e o agora dos homens, ou seja, sempre sua situação concreta. Essa situação jamais é inexorável, mas apenas limita as ações humanas, é o desafio que se põe e impõe à práxis para transformar o mundo (FREIRE, 2003).

O par sociedade e natureza se entrelaça, no entanto, ainda é necessário compreender como o ser humano conectado e interdependente se relaciona e se responsabiliza pela mantenedora da vida.

3.1 Tudo em que eu consigo pensar é natureza

A valorização das vivências de cada aluno, de suas tradições familiares e, principalmente, do que os educandos têm a dizer tem se tornado uma aliada para os “encontros de alma” em meu caminho de professora-artista. A lembrança de aulas que permitem a sensação de sentido e significado para as turmas e para cada indivíduo é uma descoberta de novas possibilidades e caminhos apontados para a valorização do universo que “somos” cada um de nós ou, nas palavras de Krenak (2009, p. 16), “definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações”, e assim nós e nossas raízes ancestrais.

Ao tanger sobre raízes, permito-me falar sobre a ancestralidade, que pode ser compreendida como a acumulação de experiências e sabedorias, pensamento que implica manter os olhos atentos não apenas no futuro – naquilo que está à frente –, mas no que possui fundamental importância: o passado.

Além de se encaixar no modelo cíclico de tempo, isso revela outra curiosa percepção temporal dos povos andinos, igualmente contrária à visão ocidental, pois a tradição andina “enxerga” o passado à frente e o futuro às suas costas. Para compreender esse extravagante paradigma (ao menos aos olhos ocidentais), devemos recorrer às principais línguas nativas andinas, o quetchua e o aymara, pois elas revelam a curiosa relação entre passado e futuro na perspectiva desses povos. Nessas línguas, os termos que se referem ao passado, *nayrapacha*, *ñawpa* e *ñawpaq*, encontram sua raiz etimológica nos vocábulos *nayra* e *ñawi* (aymara e quetchua respectivamente), que significa olhos. Portanto, o que se vê “adiante” é o passado. (RIBAS, 2008, p. 52).

O passado é a bússola para o futuro, que está atrás de nós. Nele os antepassados encararam um mundo cheio de desafios da natureza e conseguiram se adaptar para sobreviver e perpetuar. Para ver o futuro, é necessário olhar para trás, aprendendo com a sabedoria ancestral e usar como guia para o que há de vir.

Precisamos mudar nossa relação com o passado e nosso entendimento sobre nossa história para que possamos construir um futuro diferente. É possível mudar padrões de comportamento, mas para isso é necessário ir direto à fonte, que é a origem de tudo. Esse tudo, para Krenak (2019, p. 10), é a natureza:

Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra; a terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja

natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Essa sensibilidade instintiva vem como um resgate de nossas raízes, como árvores que guardam memórias de tempos de glória e escassez. Um ser que vive seu ciclo natural, um vai e vem entre flores e sementes, da busca à luz e do ardor caloroso em suas folhas. Celebrar não apenas a humanidade, mas a humanidade trabalhando ao lado da natureza com respeito e apreço.

Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza. [...] Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo... Esse contato como outra possibilidade implica escutar, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. (KRENAK, 2019, p. 32).

Partindo desse princípio de interligação e interdependência entre a natureza e nós, é possível relacionar e colher frutos dos desdobramentos da consonância entre Artes Visuais e consciência ambiental, que é o que se vê no capítulo a seguir.

Ainda trago como fecho palavras emprestadas de Manoel de Barros (BARROS, 2010, p. 374). Penso “renovar o homem usando borboletas”.

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.

4 É POSSÍVEL FOTOGRAFAR PRESENÇAS

Nesta seção, busco elencar artistas que atuam em consonância com a natureza, em uma troca mútua de energia. Este é o ponto em comum entre este trabalho e os dos artistas que cito a seguir.

4.1 Andy Goldsworthy

Andy Goldsworthy desenha e esculpe na natureza, é um artista do campo, naturalista e ambientalista. Cria belas composições com elementos orgânicos encontrados em suas caminhadas pela natureza: galhos, folhas, pedras, neve, etc., constrói desenhos, estruturas geométricas, espirais, labirintos com eles. Essas criações são efêmeras e são destruídas pelo vento, chuva, mar e clima. Rompendo, assim, com a noção de que a arte deve ser exposta e preservada.

O artista expõe em suas criações a importância da experiência do “lugar”, com uma visão holística da forma e da cor, absorvendo o ambiente em sua atmosfera, energia, luz e vida:

Andy Goldsworthy, por ejemplo, se aproxima a la naturaleza con intención de comprenderla en sus procesos y mecanismos, trabaja con las manos, sin usar otros instrumentos, sobre materiales tan efímeros como el hielo, hojas, pétalos o tallos de las plantas. Ese concepto de lo efímero, cercado a los ciclos de la vida, que se opone a la idea de permanencia atemporal de la obra de arte, al deseo de lo eterno de nuestra cultura, es compartido por otros artista. (GONZÁLEZ, 2017, p. 415).²

No documentário *Rivers and tides: Andy Goldsworthy working with time*, do cineasta Thomas Riedelsheimer, Goldsworthy (Figura 1) produz intencionalmente trabalhos artísticos efêmeros em circunstâncias naturais, sabendo que as forças naturais vão silenciosamente destruí-los, obras que existem por um curto período de tempo e depois desaparecem. Como recurso para registrar sua existência como trabalho visual, são utilizados meios como a fotografia e o vídeo.

² Andy Goldsworthy, por exemplo, aborda a natureza com a intenção de entendê-la em seus processos e mecanismos, trabalha com as mãos, sem o uso de outros instrumentos, em materiais tão efêmeros quanto gelo, folhas, pétalas ou caules de plantas. Esse conceito de efêmero, cercado pelos ciclos da vida, que se opõe à ideia de permanência atemporal da obra de arte, o desejo do eterno de nossa cultura é compartilhado por outros artistas (GONZÁLEZ, 2017, p. 415, tradução do autor).

Figura 1 – *Rivers and Tides: Andy Goldsworthy working with time*, o que o homem cria, o tempo e a natureza apagam. (Foto: Andy Goldsworthy)



Fonte: RABIGER, 2014, p. 349.

Uma recorrente preocupação em meu caminho docente permeia a individualidade ao tratar turmas diferentes com suas devidas especificidades, em vez de reproduzir uma mera repetição das aulas anteriormente dadas em outras turmas. As obras de Goldsworthy são uma excelente referência para práticas pedagógicas no meio escolar que relacionem arte e meio ambiente de maneira singular. A manipulação de materiais naturais (e assim acessíveis), suas cores, formas e texturas, possibilitam a utilização do espaço escolar para além da sala de aula.

Fazendo conexão com as questões ambientais trazidas por esse artista e sem perder de vista que o cinema é uma expressão artística afim ao cotidiano dos educandos, trago como proposta assistir ao documentário *Rivers and Tides* e depois realizar uma roda de conversa que trate as relações do ser humano com a natureza e o diálogo entre as artes e as questões ambientais, sociais e políticas.

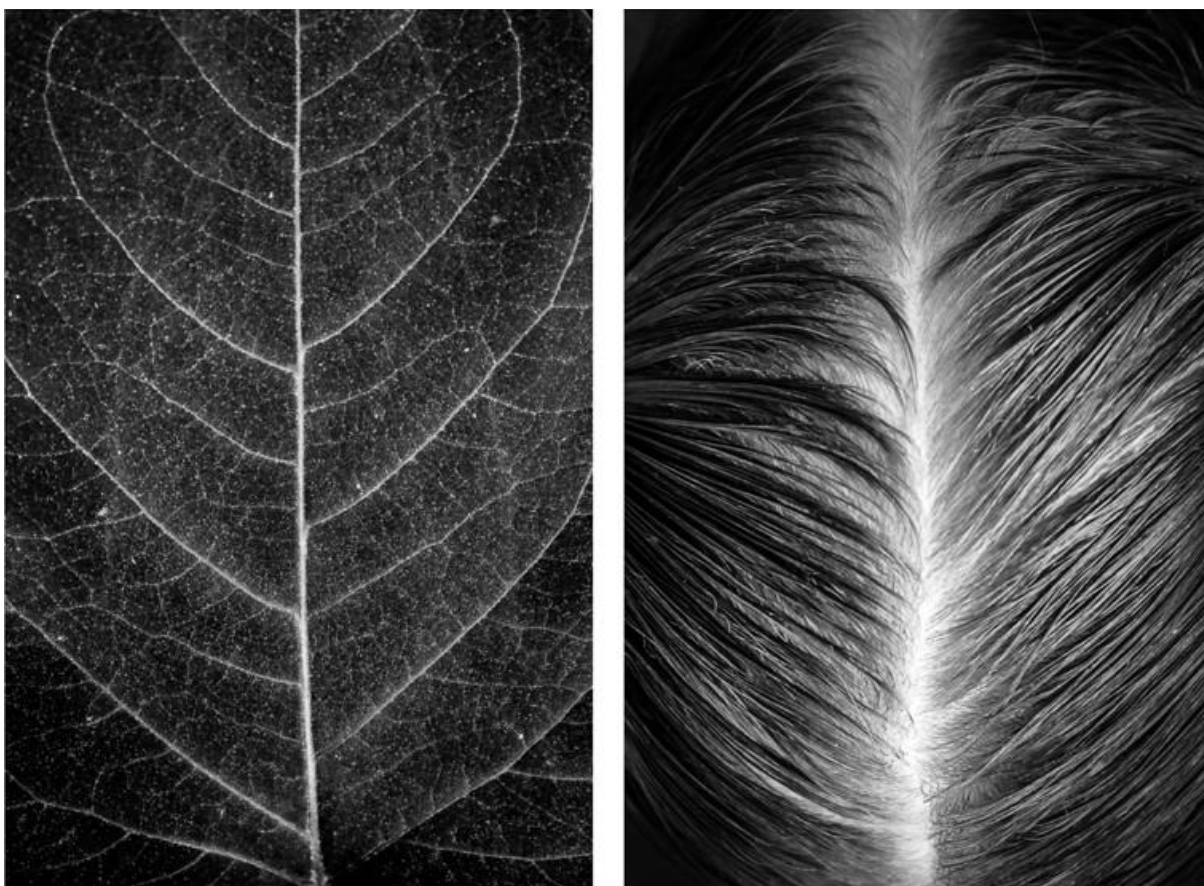
Seguindo os passos de Goldsworthy, os educandos podem também caminhar para a criação de suas obras artísticas, refletindo sobre a noção de

estética, de integração ao natural e da efemeridade de suas obras, ampliando, assim, as possibilidades de expressão artística.

4.2 Alicja Brodowicz

Alicja Brodowicz é uma fotógrafa polonesa que criou um projeto que relaciona a natureza e o corpo humano, intitulado de “Exercícios visuais”, e tem como maior objetivo enfatizar a relação única que temos com o ambiente natural. A escritora Alice Walker disse: “Na natureza, nada é perfeito e tudo é perfeito. Árvores podem ser contorcidas, curvadas de formas estranhas e ainda são lindas” (WALKER apud BRODOWICZ, s. d., n. p.), e foi nesse trecho que Alicja se inspirou para essa série de imagens (Figuras 2 e 3):

Figura 2 – Alicja Brodowicz, sem título



Fonte: Disponível em: www.alicjabrodowicz.com Acesso em: 8 fev. 2020.

Figura 3 – Alicja Brodowicz, sem título



Fonte: Disponível em: www.alicjabrodowicz.com Acesso em: 8 fev. 2020.

Sendo expectadora da obra de Alicja e por meio das imagens aqui incluídas, posso destacar a importante observação de que somos natureza, existimos como um microcosmo e, apesar de nosso inconsciente distanciamento, por alguma razão ainda nos confundimos com ela. Ideia presente em texto extraído do site da própria fotógrafa³:

Human body and nature. Microcosm and macrocosm. The human form: irregular, wrinkled, saggy. Imperfect. Nature: wild, mysterious; sometimes incomprehensible, but always extraordinary. Abnormalities and perfection.

By re-tracing the unity of formal elements, compositions, lines and shapes in the form of diptychs, the inter-relation of the human body and nature becomes apparent. This analogy leads to the realisation of the perfection of both.

³ Texto extraído do site de Alicja Brodowicz: <http://alicjabrodowicz.com/>.

Estrangement from nature has led to the abuse of the environment and the body. Only through a reconnection with nature can we rediscover self-love and make the imperfect body perfect once more⁴.

Penso que ver, cheirar, tocar e escutar um som amplia nossa experiência sensorial e conduz a um caminho que resplandece a alma. As fotografias de Brodowicz mostram veias e delas percorrem seivas, tramas vegetais se confundem ao corpo humano, afins em sua ordem e desordem.

Assim, trago a possibilidade de uma experiência fotográfica com um olhar contemplativo e em deriva, na observação e na experimentação da relação entre a natureza e nós, seres humanos, em uma atividade que pode ser realizada no bosque da escola, no parque do bairro e até em excursões que proporcionem uma maior imersão. Essa atividade, além de proporcionar a integração ao meio natural e o fazer artístico, pode se desdobrar em uma exposição ou um livro de imagens físico ou – explorando as tecnologias contemporâneas – postadas na plataforma Instagram.

4.3 Licia Heydrich

Licia Heydrich, artista de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, desenvolve em seu trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais a narrativa da descoberta da natureza em si mesma e suas Venusementes. Segundo Heydrich, as Venusementes são:

Objetos portáteis que têm como objetivo se integrar ao meio. Feitas de argila crua com sementes no interior, estas pequenas esculturas efêmeras são oferendas votivas. Desfeitas pela ação do tempo, as venusementes germinam, transformando-se em microjardins de seres “respirantes”, recicladores de ar e energia. Elas são colocadas no ambiente por ações de entrega, em locais que se apresentam significativos para mim (HEYDRICH, 2014, p. 7)

⁴ Corpo humano e natureza. Microcosmo e macrocosmo. A forma humana: irregular, enrugada, flácida. Imperfeita. Natureza: selvagem, misteriosa; às vezes incompreensível, mas sempre extraordinário. Anormalidades e perfeição. Ao traçar novamente a unidade de elementos formais, composições, linhas e formas na forma de dípticos, a inter-relação do corpo humano e da natureza se torna aparente. Essa analogia leva à realização da perfeição de ambos. O afastamento da natureza levou ao abuso do meio ambiente e do corpo. Somente através de uma reconexão com a natureza podemos redescobrir o amor próprio e tornar o corpo imperfeito perfeito novamente (tradução do autor).

Com origem destinada a trazer o verde às cidades, as Venusementes (Figuras 4 e 5) acabaram se tornando uma âncora energética para a artista, como ela mesma expressa, “uma ligação entre o local de entrega e meu campo de energia. Sinto que enquanto a escultura durar, incluindo as plantas que esta gerar e futuras sementes, haverá uma conexão entre o local de entrega e eu”⁵ (HEYDRICH, 2015, n. p.).

Figura 4 – Venusementes de girassol. Foto: Licia Heydrich



Fonte: Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109988/000952029.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 out. 2019.

⁵ Fragmento extraído do “Ensaio Visual”, disponível em: <https://ixciav.files.wordpress.com/2015/03/venusementes.pdf>.

Figura 5 – Entrega # 2, Uruguai. Foto: Joana Heydrich



Fonte: Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109988/000952029.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 out. 2019.

Para Heydrich (2014), as Venusementes personificam e ilustram sua vontade por uma relação mais integrada com o mundo natural, que vem com a clara noção da relação de interdependência entre o ser humano e a natureza. “Estamos interligados energeticamente com todo o universo; elas me ligam à Terra e reestabelecem o meu vínculo perdido com gaia” (HEYDRICH, 2014, p. 9). Se retornarmos mais e mais no tempo, encontraremos os fios da teia da sensibilidade em nossa ancestralidade, esta, que fala também das relações do ser humano enquanto natureza, que permanecem vivos dentro de nós.

A obra de Heydrich traz a possibilidade de, através do ensino das Artes Visuais, abordar nossa esquecida conexão com a Terra, onde criar é também a força da semente em nós e na natureza. Tratar com os educandos sobre a tessitura entre passado e presente, seus conhecimentos e sabedoria; sua materialização na trama do crochê da vovó, nas telhas de argila feitas pelo vovô, nas tinturas feitas de barro, da bananeira onde tiramos alimento e também fibras naturais resistentes; são

exemplos de herança viva e que pode ser despertada em cada um de nossos alunos.

Essa sensibilidade estética manifesta em nós o entendimento de certas realidades, sobre o mundo e sobre nós: sementes são como berços, nelas adormecem árvores, em árvores há sombra, refúgio e alimento. Nela adormecemos também eu e você.

4.4 Frans Krajcberg

Frans Krajcberg nasceu em 1921 em Kozienice, na Polônia, e, em 1948, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, imigrou para o Brasil, para o interior do Paraná, onde testemunhou desmatamentos e queimadas nas florestas. Em suas palavras, o artista relata:

[...] eu nasci neste mundo chamado natureza, mas foi no Brasil que ela me provocou um grande impacto. Eu a compreendi. Aqui eu nasci uma segunda vez, tomei consciência de ser homem e participar da vida com minha sensibilidade, meu trabalho, meu pensamento. Eu me sinto bem assim'. (KRAJCBERG *apud* VENTRELLA; BORTOLAZZA, 2007, p. 45).

Krajcberg expressa, ainda, que compreendeu e tomou consciência de que faz parte da natureza. Em entrevista, ao apontar para uma madeira queimada, disse: “Desde então, o que faço é denunciar a violência contra a vida. Esta casca de árvore queimada sou eu”⁶. O artista valeu-se de diversos elementos da natureza em suas obras, como troncos de árvores, retorcidos, cortados e queimados, cipós e raízes e as vê como instrumento de denúncia.

Considero o trabalho de Krajcberg um exemplo de postura reflexiva que assume o compromisso de lutar e zelar pela vida. Vemos a transfiguração da destruição em vida. Nas mãos do artista, renova-se o que estava destruído. Árvores retorcidas, galhos redesenhados, pigmentos e cascas preservam o encanto e a dignidade. Sensibilizado, o artista fotografa a natureza perante a sua destruição.

Abaixo pode se ver uma escultura feita a partir de resíduos de árvores de manguezais destruídos (Figura 5), o recorte de uma percepção ambiental tratada como arte, uma denúncia através da estética das formas e das cores.

⁶ Entrevista realizada em janeiro de 2007 para a publicação do Planeta Sustentável, da Editora Abril.

Figura 6 – Flor do mangue, Krajcberg, (dimensões: 12x8 m e 5 m de altura)



Fonte: Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6820/a-flor-do-mangue>. Acesso em: 8 fev. 2020.

Parto do princípio de que, como artistas ou como arte-educadores, temos em nossas mãos a efervescência de formar multiplicadores-semente, assim, nos posicionamos como ventos que sopram a favor da proteção do meio ambiente.

Krajcberg foi um artista que fomentou reflexões e diálogos por meio de seus protestos. As ideias defendidas por suas obras são importantes e necessárias à nossa sociedade, um meio de conscientização; um grito desesperado de que precisamos voltar nossos olhos às questões ambientais, de que é necessário mudar nossa convivência, menos ego e mais integração para o bem de todo o ciclo natural da vida.

O educando não apenas recebe informação do professor, constrói coletivamente o conhecimento e deve ser valorizado como tal, assim, tomo o trabalho de Krajcberg como a oportunidade de apreciação reflexiva e da experiência estética que aponta para a importância da preservação ambiental. Os educandos podem ser convidados a refletir sobre a obra de Krajcberg e a interagir, trazendo para a sala de aula suas experiências e curiosidades, o fazer artístico pode ser experimentado nos planos bidimensional e tridimensional no trabalho com a argila e fibras de materiais naturais diversos coletados no entorno da escola ou da morada dos alunos.

5 A FLORESTA SOMOS NÓS⁷ OU TUDO É SEMENTE

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
Das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
Para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
(BARROS apud PINTO, 2006, p. 73)

Diante de nossas escolhas que tangem o ensino, a aprendizagem e as pesquisas no campo de Artes Visuais, torna-se importante pensar nos possíveis rumos da Arte-Educação e lembrar que somos a mescla de nossas vivências do presente, com nossas memórias e heranças do passado. Assim sendo, nos tornamos agentes de mudança na experiência de nossos sucessores, conforme expressa Ailton Krenak:

O estado de mundo que vivemos hoje é exatamente o mesmo que nossos antepassados encomendaram para nós” e ainda “qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?”, influenciaremos o mundo vindouro, quer seja por nossa inatividade, quer seja por nosso comprometimento em promover mudanças. (KRENAK, 2019, p. 33).

As Artes Visuais vislumbram em nossas seivas o papel de questionar ações e exigir mudanças de comportamento, olhar a natureza com os olhos de artista, investigar a nós mesmos com os olhos voltados às nossas raízes e, assim, pode colaborar com ações ambientais, por meio de integração ou a reconciliação com nós mesmos (com nossa alma natural), um lampejo de lembrança de si:

A educação ambiental preza por uma abordagem holística, ou seja, uma abordagem integral do todo, considerando todos os aspectos da vida e assim compreender a complexidade do próprio ambiente, das suas interdependências ecológicas, políticas, econômicas e sociais. A Educação Ambiental não é mais vista como uma forma de apenas ensinar as pessoas a preservarem a natureza ou não poluírem o meio ambiente, e sim de compreenderem seu papel na biosfera e as consequências de seus desejos e ações. (DIAS apud SANTOS, 2014, p. 38).

⁷ Trecho de manifesto dos #PovosDaFloresta. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. ISA 25 anos, #PovosDaFloresta. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/AKSgvH0ESH4>. Acesso em: 2 fev. 2020.

Associar as Artes Visuais à Educação Ambiental faz com que direcionemos nossos olhares não apenas para a consciência ambiental, mas também para refletir criticamente sobre nossa realidade social e política. Por meio das Artes Visuais, pode-se ler e escrever o mundo, conexão que se estabelece entre nosso interior e o mundo ao nosso redor:

Nunca pude entender a leitura e escrita da palavra sem a “leitura” do mundo, quer dizer, a sua transformação. E, quando falo em mundo, não falo exclusivamente das árvores e dos animais, que também amo, das montanhas, dos rios. Não falo exclusivamente da natureza de que sou parte, mas das estruturas sociais, da política, da cultura, da história, de cuja feitura também faço parte. (FREIRE, 2006, p. 107).

Por meio das obras dos artistas Andy Goldsworthy, Alicja Brodowicz, Frans Krajcberg e Licia Heydrich, foi possível identificar elementos que conectam obra e vida, exemplos de relações não apartadas do ambiente, e sim fazem parte dele, pois sua compreensão perpassa pela relação ambiental.

Medeiros et al. (2014) postulam sobre a ideia de Ecossistemas Estéticos, onde “há uma interdependência e intervenção entre a percepção das artes e os demais universos da cultura humana”, uma interdependência entre os organismos vivos que participam de um dado universo, reestruturando a ideia de sujeito e objeto, pois todos são vistos como agentes e “interagentes em prol da (sobre)vivência de cada um e do equilíbrio, mesmo que precário, do todo” (MEDEIROS et al., 2014, n. p.).

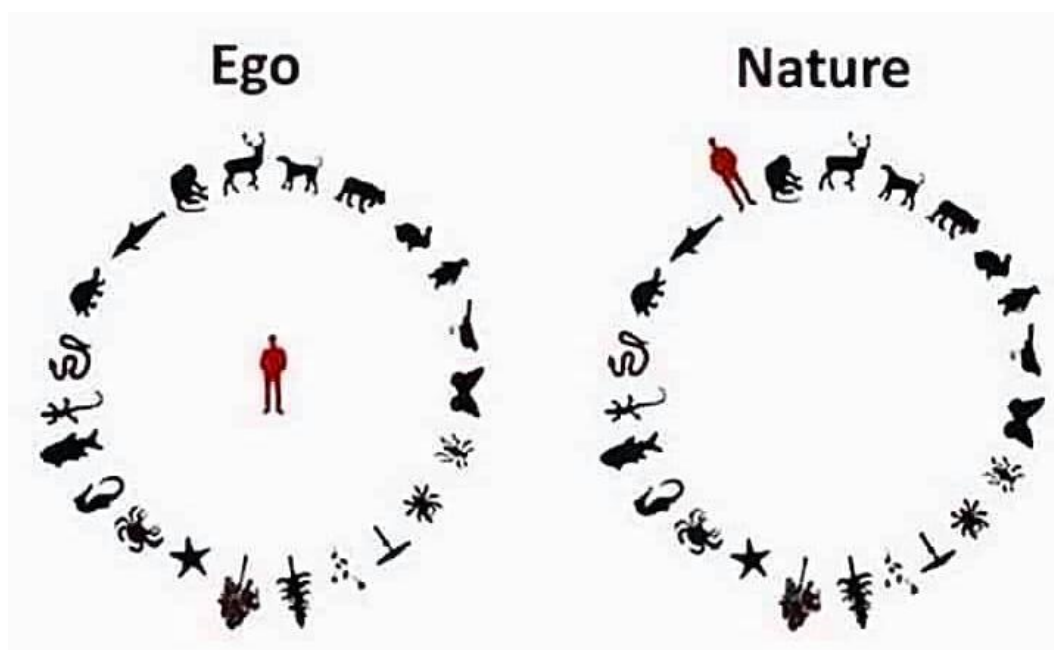
Qualquer ser humano pode desenvolver seu potencial artístico e ativamente contribuir para a socialização de seus conhecimentos:

Arte não é inerente ao ser humano: é construção cultural, ensina-se e aprende-se de maneiras várias, desdobra-se em expressão e instigação, desconstrói-se e constrói-se ininterruptamente, alça-se voos e faz pousos constantemente. (PIMENTEL, 2014, p. 22).

Podemos traçar um diálogo possível com a sala de aula, trazendo como alternativa ao professor práticas pedagógicas que discutam de forma coerente as necessidades do contexto educacional, onde educador e educandos participam, expressam suas ideias e opiniões, criando sentido e significado em suas relações com o mundo.

De acordo com John Dewey (2010), a arte deve andar de mãos dadas com a experiência da vida comum. Ela deve estar incutida em um contexto diretamente humano, ao contrário de ser relegado exclusivamente a museus ou galerias, compartimentado em teorias que afastam as experiências estéticas da vida cotidiana – ou seja, do prazer pessoal que, segundo o autor, está próximo das coisas, da natureza como ar, solo, luz, flores. Coisas esteticamente admiráveis surgiriam dessas experiências.

Figura 7 – Ego / Nature, America's Last Newspaper



Fonte: Disponível em: <https://www.theava.com/archives/94439/comment-page-1#33>. Acesso em: 8 fev. 2020.

Essa imagem tem por objetivo discutir as percepções de “Ego e Nature – Ego e Natureza”. O “Ego” posiciona o ser humano a par do ciclo natural, perspectiva que mostra como o homem pode se posicionar como dono da natureza. Ação que se personifica em objetificar a natureza, como se ela fosse expectadora da própria existência.

“Nature” é uma abordagem de respeito e não de dominação, onde ser humano e natureza são partes de um mesmo todo e cooperam na sutil teia dos processos naturais. Eu, a árvore, o lobo-guará, o boto-cor-de-rosa e a natureza, em harmonia, somos um só ser. É a mensagem de que – mesmo sendo parte – é necessário reaprender a sermos capazes de sentir como o mundo se organiza: as partes se unem para formar o todo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda semente traz em si a promessa de muitas florestas.
(CHOPRA, 2001, p. 25)

Tornar a narrativa de si a matéria estruturante para a reflexão e a análise do meu próprio sujeito e de minha travessia constituiu-se elemento necessário para as concepções que hoje tenho. Penso que é por essas narrativas ancestrais que sabemos quem somos e para onde vamos.

Investigar minha própria história e dela extrair as conexões se torna primordial em meu caminho pessoal e profissional, tomar em braços carinhosos minhas experiências, buscando não somente analisá-las, mas entendê-las como um momento existencial vivido em plenitude, que transforma o instante do presente e abre novas possibilidades para a construção de significados.

Especializar-me em Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas nesta conjuntura de desequilíbrios ecológicos que ameaçam a vida no mundo que conhecemos trouxe a reflexão de que a experiência enquanto arte-educadora pode propiciar um canal para sensibilizar, transformar e gerar conhecimento, também, em dimensões que não são inerentes apenas às artes.

É fato que as concepções de Arte-Educação mudam constantemente e, assim, seus métodos, formas e modelos de pesquisa também demandam readequação, mas as práticas educacionais que dialogam e se direcionam a uma reflexão crítica do contexto e do próprio sujeito caminham para uma construção democrática de saberes.

Penso que os seculares distanciamentos e a necessidade da auto-observação, de valorização de nossas origens, de nossa senda ancestral, corroboram com a integração Arte-Educação-Ambiental:

Se a gente olha de cima, parece tudo parado. Mas por dentro é diferente. A floresta está em movimento. Há uma vida dentro dela que se transforma sem parar. Vem o vento. Vem a chuva. Caem as folhas. E nascem novas folhas. Das flores nascem os frutos. E os frutos são alimento. Os pássaros deixam cair as sementes. Das sementes nascem novas árvores. E vem a noite. Vem a lua. E vêm as sombras que multiplicam as árvores. As luzes dos vagalumes são estrelas na terra. E com o sol vem o dia. Esquenta a mata. Ilumina as flores. Tudo tem cor e movimento. (CHACOM, 2004, p. 10).

É importante não apenas teorizar um modo de vida mais sustentável, mas, além de teorizar e pensar, sentir, reconhecer em integralidade com mente, corpo e sensação que a generosidade e o cuidado com o ambiente são a generosidade e o cuidado consigo mesmo.

Lentamente vamos tomando consciência de que somos natureza e defendê-la significa defender a nós mesmos e a nossa própria vida. Caso contrário, a primeira visão, a Terra e natureza como baú de “recursos infinitos”, nos poderá levar a um caminho sem retorno.

Considero que, dentre as reflexões levantadas, foram apresentadas possibilidades – em consonância com as Artes Visuais – que contribuem de alguma maneira ou que possam ser o ponto de partida para novas possibilidades. de o professor, junto com os educandos, construir uma relação mais sensível e consciente com o ambiente, bem como repensar a maneira com que lida com os outros seres vivos.

É possível experimentar novas maneiras de estarmos vivos, dar outro significado às nossas existências. Reconhecer a diversidade sem nos colocar em um patamar superior aos demais seres nos leva em direção à integração e é de mãos dadas à natureza que podemos experimentar sentidos há muito tempo adormecidos, cultivar olhares de sutileza, sentir cheiros esquecidos, ouvir sons das folhas e da alma.

Esses entendimentos evidenciam como as Artes Visuais e sonoras oportunizam a sensibilização e o diálogo apropriado à reconexão com o mundo ao nosso redor. As sementes foram lançadas, que deem frutos e deles se expandam vigorosas florestas.

REFERÊNCIAS

ADEL, S. **Catálogo da exposição Mil e uma moradas e uma**. Disponível em: <http://adelsouki.blogspot.com/2018/07/catalogo-mil-moradas-e-uma-2009.html>. Acesso em: 15 abr. 2019.

ANJOS, A. C. C. **Arte-Educação e Educação Ambiental**: Uma reflexão sobre a colaboração teórica e metodológica da Arte-Educação para a Educação Ambiental. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BARBOSA, A. M. Arte na educação para todos. In: Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos e VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras, 5. Brasília. **Anais...** Brasília: 2000. p. 6-12.

BARBOSA, A. M. **Arte/Educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, dez./1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000300010&script=sci_arttext. Acesso em: 22 set. 2019.

BARBOSA, A. M. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2007.

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BARROS, M. **Memórias inventadas**. Alfaguara, 2018.

BARROS, M. O apanhador de desperdícios. In: PINTO, Manuel da Costa. **Antologia comentada da poesia brasileira do século 21**. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 73-74.

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

BENJAMIN, W. A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução. In: VELHO, G. **Sociologia da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

BOFF, L. **Semana no meio-ambiente**: garantir o futuro da vida e da Terra. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2019/06/07/semana-no-meio-ambiente-garantir-o-futuro-da-vida-e-da-terra>. Acesso em 15/04/2020.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003. Acesso em: 9 fev. 2020.

CHACOM, A. P. **Ticuna**: Pinturas da Floresta. Tradução de Liv Sovik. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

- CHOPRA, D. **As Sete Leis Espirituais do Sucesso**: um guia prático para a realização de seus sonhos (Baseado em Criando Prosperidade). Tradução de Vera Caputo. São Paulo: Nova Cultural: Best Seller, 2001.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. 6 ed. Revisada. São Paulo: Gaia, 2000.
- ESTÉS, C. P. **A ciranda das mulheres sábias**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- FRANS, K. **Revolta**. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GOLDSTEIN, I. S.; STRUBE, C. **Cultura e desenvolvimento**. São Paulo: Senac, 2018. Vol. 1.
- GOLDSWORTHY, A. **Hand to Earth**. Edição por Terry Friedman e Andy Goldsworthy Leeds, 1990.
- GONZÁLEZ, F. V. C. **Salud, educación en valores y compromiso ambiental**. Fundación vivo Sano, 2017.
- HEYDRICH, L. **Ensaio Visual**. Pesquisa/projeto - Objeto tridimensional: Transversalidades e compartilhamentos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://ixciav.files.wordpress.com/2015/03/venusementes.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019
- HEYDRICH, L. **Sementes adormecidas**: Despertando a natureza em mim. 2014. 43 f. Monografia (Graduação em Artes visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109988/000952029.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 out. 2019.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LOYOLA, G. F.; PIMENTEL, L. G. **Professor-Artista-Professor**: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. 2016. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- MEDEIROS, A. et al. (Org.). **Ecosistemas Artísticos**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 23. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAP/PPGARTES/ICA/UFGM, 2014. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2014/ANAIS.html#>. Acesso em 22 out 2019.
- MORAIS, F. **Frans Krajcberg**: Revolta. Rio de Janeiro: GB Arte, 2004.

MUNDURUKU, D. Identidade e diversidade: Nesta terra tinha gente. In: **Curso Introditório sobre Cultura Indígena**. Disponível em: <https://danielmunduruku.eadplataforma.com/curso/mundurukando-rodas-de-conversas-sobre-a-cultura-indigena-2019-01-22-12-14-11/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

PALHARES, J. M. Por que cantam os passarinhos? In: **Revista Digital do LAV**, v. 11, n. 2, mai./ago. 2018, p. 121-134. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32517/pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

PIMENTEL, L. G. Ensino/aprendizagem de arte e sua pesquisa. In: ROCHA, M.; SOUZA, J. A. (Org.). **Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade**. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, 2014. p. 15-23.

PIMENTEL, L. G. Fugindo da escola do passado: arte na vida. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 8, n. 2, p. 5-17, mai./ago. 2015.

PIMENTEL, L. G. Metodologias do ensino de Artes Visuais. In: **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Vol. 1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007. p. 8-21.

PIMENTEL, L. G. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. In: **Ouvir ou Ver**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 88-98, 2015.

RABIGER, M. **Directing the Documentary**. CRC Press, 2014.

RECKERT, S. **Para além das neblinas de novembro: perspectivas sobre a poesia ocidental e oriental**. Lisboa: Serviço de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

RIBAS, K. W. Resistência, valorização e resgate da tradição cultural andina. In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 10, n. 13, 1º sem., p. 52, 2008.

RIEDELSHEIMER, T.; GOLDSWORTHY, A. **Fragmentos de Rivers and Tides**, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcHpIKs856g>. Acesso em: 20 jan. 2020.

RODRIGUEZ, C. M. K. **Criação e Processos Artísticos em Sala de Aula: Um Olhar de Maurice Merleau-Pont**. Editora Appris, 2019

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, H. C. **A arte como elemento no ensino da educação ambiental no Brasil: educação infantil e ensino fundamental I**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

SOUZA, J. A. (Org.). **Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade**. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, 2014. p. 15-23.

SOUZA, J. A. M.; PIMENTEL, L. G. Apresentação. In: Encontro Anual da ANPAP, 23. **Anais...** Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2014/ANAIS/ANAIS.html>. Acesso em: 22 dez. 2019.

VENTRELLA, R.; BORTOLOZZO, S. **Frans Krajcberg**: arte e meio ambiente. São Paulo: Moderna, 2007. (Coleção Arte & Contexto)

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2002.